



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - UNESPAR

BISSEXUALIDADE E AUTOFIÇÃO: ESTA DANÇA NÃO É APENAS SOBRE MIM

BISSEXUALITY AND AUTOFICTION: THIS DANCE IS NOT JUST ABOUT ME

BISSEXUALIDAD Y AUTOFICCIÓN: ESTA DANZA NO ES SOLO SOBRE MÍ

GABRIEL CALÇA TASSO

PUBLICADO: 9/2025

<https://doi.org/10.47820/recima21.v6i1.6805>

**CURITIBA
2023**

GABRIEL CALÇA TASSO

BISSEXUALIDADE E AUTOFICÇÃO: ESTA DANÇA NÃO É APENAS SOBRE MIM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Dança, da Universidade Estadual do Paraná - Campus Curitiba II, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Dança.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Elke Siedler e Prof. Dr. Jair Mario Gabardo Junior.

**CURITIBA
2023**

RESUMO

Através de uma escrita de muitas vozes que corre e dança pelas páginas, o presente memorial artístico-acadêmico busca, por meio de um diário-relato, problematizar processos criativos que resultaram em uma performance acerca da bissexualidade mediada pela autoficção, propondo visibilidade às tensões e potências sobre o tema e convidando os pares a reivindicar a sua importância sócio-política. Por meio de uma revisão bibliográfica e cultural, a dramaturgia é composta por relatos de muitos Eu(s), ou seja, pessoas que compartilham de vivências que se assemelham às minhas, evocando similaridades nas singularidades e as materializando em um discurso performativo de um corpo que dança. Ao fim destas páginas, você, leitor, será convidado a permitir que todos nós vivamos, também, em você, enquanto reverberações de uma história que inicia muito antes de mim e se estenderá para além do meu viver.

PALAVRAS-CHAVE: Bissexualidade. Autoficção. Criação em dança.

ABSTRACT

Through a polyphonic writing that runs and dances across the pages, this artistic-academic memorial seeks, through a diary-report, to problematize creative processes that led to a performance about bisexuality through autofiction, proposing visibility to the tensions and potencies surrounding the theme and inviting peers to reclaim its sociopolitical importance. Through a bibliographic and cultural review, the dramaturgy is composed of many narratives from many versions of "me", people who share experiences similar to my own, evoking similarities in our singularities and materializing them into a performative discourse of a dancing body. By the end of these pages, you, the reader, will be invited to bid farewell to all those who are alike so that they may live within you, as reverberations of a story that began long before me and will extend beyond my lifetime.

KEYWORDS: *Bisexuality. Autofiction. Dance creation.*

RESUMEN

A través de una escritura de muchas voces que corre y danza por las páginas, el presente memorial artístico-académico busca, por medio de un diario-relato, problematizar los procesos creativos que dieron lugar a una performance sobre la bisexualidad mediada por la autoficción, proponiendo visibilidad a las tensiones y potencias en torno al tema e invitando a los pares a reivindicar su importancia sociopolítica. Mediante una revisión bibliográfica y cultural, la dramaturgia se compone de relatos de muchos Yo(s), es decir, personas que comparten experiencias semejantes a las mías, evocando similitudes en las singularidades y materializándolas en un discurso performativo de un cuerpo que danza. Al final de estas páginas, usted, lector, será invitado a permitir que todos nosotros vivamos también en usted, como reverberaciones de una historia que comenzó mucho antes de mí y que se extenderá más allá de mi existencia.

PALABRAS CLAVE: *Bisexualidad. Autoficción. Creación en danza.*

Agradecimentos

Não poderia iniciar esta seção sem citar minha mãe, Angela Maria Calça, que me criou dando sempre o melhor de si dentro de suas possibilidades. Se não fosse por ela, eu não estaria aqui, sendo o terceiro membro da família a me graduar em uma universidade pública e o primeiro artista.

Compartilho do mesmo sentimento ao Professor Doutor Jair Mario Gabardo Junior, meu primeiro orientador que, por políticas estaduais que desmontam a educação pública, teve que se afastar de suas funções dentro da UNESPAR, me deixando sob os cuidados da Professora Doutora Elke Siedler que continuou o trabalho de forma efetiva e afetiva.

Após a saída do Prof. Dr. Jair Gabardo, minha qualificação foi organizada pelo Professor Doutor André Sarturi. A você, sou grato!

Agradeço aos Professores Doutores Andrio Robert Lecheta e Gladistoni dos Santos por seus comentários e avaliações tão sensíveis e criteriosas sobre meu trabalho de conclusão de curso. Seria impossível realizar esta pesquisa sem tantos nomes caminhando junto a mim.

As próximas páginas fazem parte de uma pesquisa que não inicia e nem se encerra aqui, mas se mistura a uma prática corporal da qual fazem parte Giovanna Rafaela Novak como operadora de luz, Elber Tavares dos Santos e Stephanie Louise como operadores de som, os colegas de turma, o colegiado do curso de dança e os amigos conquistados ao longo destes quatro anos como grandes apoiadores afetuosos.

Graças à Universidade Pública, a comunidade LGBTQIA+, os mestres que tive durante meu percurso na dança e todas/es/os que vieram antes de mim, você, leitor, acessa esta pesquisa, e a isso sou grato.

"Sem ponto, sem vírgula, sem meia,
descalça, descascou o medo pra
cabem coragem. Sem calma,
sem nada, sem ar"
Liniker

Sumário

Início - Então sobre quem é?.....	1
Parte um - Apresentação.....	5
Parte dois - Bissexualidade.....	7
Parte três - Autoficção.....	11
Parte quatro - Interseção.....	15
Fim? - Eu(s).....	19

Início - Então sobre quem é?

Oi, meu nome é Samuel

Olá, me chamo Raquel

Alô, é o Daniel

E aí? sou o Miguel

Fala aí, Emanuel
aqui

Opa, Ariel falando

Oiee, Eu sou o Rafael

Bom dia, Isabel aqui

Boa tarde, meu nome é Gabriel

Boa noite, Manuel falando

Como vai? Me chamo Mabel

Oi, oi! Me chamo Ismael

Aliás, não sabemos se dizer algum nome é relevante quando esta dança não é apenas sobre alguém em especial, senão um modo para ser, estar e ocupar um lugar mais dialético por entre essas linhas. Para isso, este texto transitará entre quem o escreve a partir de muitas histórias ouvidas, faladas e vividas misturando a todo momento um passado, um presente e um futuro, um certo “Eu” e tantas/es/os “Outras/es/os”: alteridade(s), aqui, citada(s) como “Eu(s)”.

Não falamos de qualquer sujeito ou de qualquer história, mas, de pessoas que perceberam que a monossexualidade, “termo guarda-chuva” que abrange as sexualidades, cuja atração se destina a apenas um exclusivo gênero, não as cabiam e, na tentativa de diminuir a confusão, procuramos, por vias de categorias, um rótulo para ajudar a nos entender como sujeitos em sociedade, somando nossas vozes como um ato de resistência contra qualquer invisibilidade dos nossos corpos. Assim, este texto mistura a voz de muitos Eu(s), termo que utilizo em letra maiúscula por se tratar de uma comunidade de pessoas específicas, que se encontram na bissexualidade, procurando pontos que se assemelham e os refletindo a partir de um corpo que dança.

A cena se estabelece a partir das memórias de um homem cis branco que tinha tudo para ser só mais um sujeito vivendo sua vida. Ele sempre sentiu atração por meninos, mas isso era confuso em sua mente, embaralhando sentimentos de atração e admiração. Ele sempre sentiu atração por meninas, mas esse desejo encontrava barreiras devido à sua atração por meninos. Ele não entendia se gostava de um, de uma, ou de vários.

Misturando histórias, no ano de 2016, Gabriel, um adolescente de 14 anos de idade, conversava com mais dois amigos sobre sexualidade. Daniel externalizava pela primeira vez a sua atração por rapazes em forma de frase: “Eu pegaria um menino”. A mãe de Rafael trabalhava dia e noite para lidar com as despesas da casa que sustentava sozinha, já a mãe de Daniel, também, não tinha muito tempo sobrando. Aquelas mães que trabalhavam das 7 às 23 horas para se manterem vivas, pouco tinham tempo de qualidade com os seus filhos. As mentes daqueles três garotos se preencheram de pontos de interrogação: uma transição entre meninos e homens. Várias dúvidas: o que será do meu futuro? O que será do meu presente? O que será do meu passado? Rafael começou

a passar lápis de olho preto para ir à escola numa tentativa de aparecer. Gabriel começou a passar lápis de olho preto para ir à escola numa tentativa de se entender. Daniel começou a passar lápis de olho preto para ir à escola numa tentativa da linha preta ao redor dos olhos segurar suas lágrimas. Uma mãe. atarefada e pré-ausente, um filho em meio à puberdade, muitos pensamentos e preocupações entre os dois.

Uma edícula, uma mesa de jantar, dois adultos, três crianças, uma mãe e um filho.

- Você é gay?
- Não, eu sou bi.
- Bi? Você beijaria um homem?
- Sim.

Uma edícula,

uma mesa de jantar,

tremor no chão,

medo nas cutículas,

uma resposta,

uma lágrima,

uma ordem,

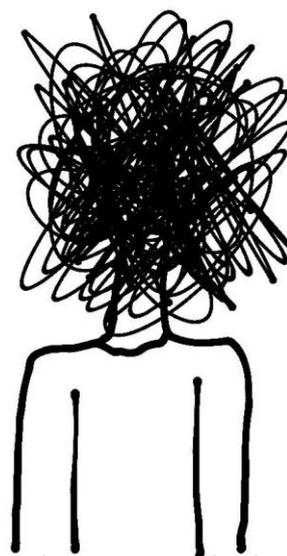
duas lágrimas,

três lágrimas,

dois choros,

um deles reprimido.

Medo nas cutículas.



Voltando para o título desta seção, se esta escrita não é apenas sobre um certo alguém, então sobre quem é? Ouso dizer que essa escrita é sobre o Gabriel, Rafael, Daniel, Ariel, Mabel e tantas outras vivências bissexuais, suas histórias, narrativas e sensações. E, principalmente, a convergência, a fronteira entre todos eles. Nem sempre apenas sobre quem escreve, move, dança; mas uma busca por alteridades.

Busca essa que se deu por meio de escutas de *podcasts* sobre bissexualidade no *Spotify*, como *Biscoito*, *Conversa de Travesseiro* e *PODCASTÃO - O podcast da sapatão*, onde relatos e conversas traziam potência para a criação em dança, como se cada voz se transformasse em conexões advindas de um corpo, este corpo que dança como forma de criar alteridades e impedir o apagamento bissexual. A seguir, transcrevo uma dentre as muitas vozes escutadas na plataforma online recém mencionada:

Se por um lado eu tinha toda a liberdade do mundo pra falar que tava apaixonado por uma menininha da escola e fazer uma cartinha pra ela e levar uma florzinha pra ela e todo mundo achar isso muito bonitinho, muito fofinho, eu sabia já de forma quase que inconsciente ali que eu não poderia de jeito nenhum dizer que eu tava apaixonado pelo menininho da escola e que achava ele lindo (...) (Andrade, 2020, n. p.).

Assim como Lê Andrade, sujeito bissexual que dá voz ao *Podcast Resenhas Não-Mono*, muitos Eu(s), numa falha tentativa, reprimem sua atração pelo mesmo gênero como consequência do

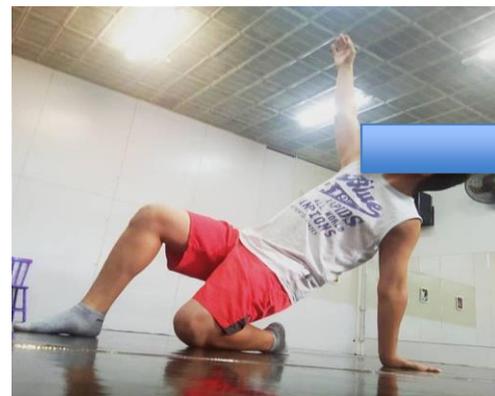
entender-se como antinatural e/ou errado, entendimento este pautado com base na sociedade heteronormativa e monossexista. Aqui, já é possível vislumbrar um ponto em que histórias se cruzam e traços de apagamento monodissidente, isto é, a invisibilização das sexualidades que não se atraem exclusivamente por um único gênero, se faz presente.

Em cada traço de apagamento, se fez flor. Em cada segundo de dúvida, se fez chuva. Cada lágrima em raio de sol, cada devaneio em brisa, cada um em SER. Talvez deva existir um artista para todo e qualquer sinal de violência, encarregado de transmutar dores em natureza: arte. Talvez, criasse, aqui, um solo de dança para que se alcance sensibilidade. Não só de quem lê, não só de quem escreve, mas também de quem vive, quem recebe. A alteridade se faz quando um possível Eu, Você e muitos mais, ao ler/escrever esse texto, encontramos um ponto de conexão, cruzando vivências que se fazem em SER: Sobre Existir e Resistir¹.

Neste momento da escrita, compartilho um recorte das camadas que me constituem enquanto subjetividade no mundo. Um homem cis e bissexual, nascido no estado do Mato Grosso, mas criado no Paraná por uma mãe solo, professora, que sempre teve amigos homossexuais, mas fazia conversas de mediação comigo para que eu não me deixasse levar pelas histórias de relacionamentos entre homens que escutava quando criança. Criança esta que, apesar de não ter irmãos próximos, brincava com os primos, as crianças da rua que moravam próximas ou até mesmo sozinho. “Brincadeiras de menino”, mas longe do olhar dos adultos, brincava de boneca, de vestir roupas engraçadas, de jogar jogos de computador destinado para meninas por conter uma maior diversidade e não apenas jogos de luta e corrida.

Um adolescente que, ao começar a fazer aulas de dança aos 16 anos, encontra um espaço de liberdade e coletividade, que o apoiava enquanto sua mente continuava questionando os conceitos de atração e papéis de gênero, tentando se entender no mundo e “conferir” se encontrava-se no espectro da bissexualidade. Desconfiança surgida não por si, mas pelos outros, que comentavam e opinavam sobre sua vida.

Um jovem adulto que ainda lida com a recém finalizada adolescência, porém já se entende como indivíduo ocupante de espaços sociais e volta suas questões internas para outros âmbitos, externalizando sua constante indagação no porquê da bissexualidade ser tão pouco explorada nas pesquisas acadêmicas. De repente, o Manifesto Bissexual, publicado em 1990, volta a ser atual com sua frase de conclusão: “Está na hora da voz bissexual ser ouvida!”



¹ Durante estas páginas, você, leitor, encontrará pequenas frases que parecem estar descoladas do texto. Elas se fazem presentes para justificar, de forma poética, o raciocínio que vem se desenvolvendo. Como trata-se de um memorial artístico, escrevo, nestas páginas, como meus pensamentos fluem no corpo-mente. Deixo aqui a liberdade de se relacionar com o link a seguir da forma que preferir, mas sugiro que não seja completamente ignorado: https://drive.google.com/file/d/1POIS6ThSQJ1iKdgBix6UDp90Yh_XIQ3/view?usp=sharing.

Dada essa brevíssima apresentação de quem sou, passo a compreender a sexualidade como um território de produção identitária, mas também, objeto de estudo na/com/para a criação em dança, objeto primário do presente estudo.



Parte um - Apresentação

Neste memorial artístico-acadêmico, investiga-se acerca da bissexualidade aliada a autoficção para ativar uma criação em dança que intenta convidar as pessoas bissexuais (e tantas outras) a se perceberem importantes para a sociedade que, por diversas razões, as tratam como dados, ou pior, por pouca ou nenhuma compreensão sensível sobre o tema, acabam por invisibilizar um universo de corpos, sensações e formas de existir e se apresentar ao mundo. Ulrich Gooß (traduzido para a língua inglesa por Elizabeth Horan) relata que

(...) homens e mulheres bissexuais têm em comum que, por muito tempo, suas sexualidades recebiam pouca ou nenhuma atenção em pesquisas sobre sexualidade e orientação sexual. (...) Foi apenas depois de homens e mulheres bissexuais, primeiro nos Estados Unidos, e recentemente, na Alemanha, fazerem um esforço para se organizar, e, sobre tudo, desde o aparecimento da Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS), que chamou a atenção pública e científica para homens bissexuais como um assim chamado grupo de risco, que pesquisadores de sexualidade começaram a perceber e a estudar a manifestação da bissexualidade como uma forma independente de sexualidade. (...) Particularmente para aqueles homens e mulheres bissexuais envolvidos em movimentos gays ou lésbicos, (...) a necessidade de tal autoconstrução é virtualmente obrigatória porque eles não podem ser visíveis experimentando-se em um mundo apenas dividido em homossexualidade e heterossexualidade (2008, p. 10 - 12, tradução nossa).²

A partir do exposto, questiona-se: como as experiências que partem da relação entre a bissexualidade e autoficção podem se tornar dispositivos para a criação em dança?

Buscando por possíveis respostas, não seguiremos escritas sobre nós advindas de pessoas que não estejam conosco identificadas. Aqui, você encontrará um sujeito bissexual, pesquisador em formação, falando sobre si mesmo à medida que fala de e com um grupo de pessoas. Um artista-pesquisador que almeja perguntar, mas utiliza-se da autoficção como meio de não se envergonhar e/ou dizer sozinho.

Sujeito esse que, ao tentar despersonalizar sua escrita e trazer mais vozes juntas ao texto, identifica-se em terceira pessoa do plural, mas, ao sentir a necessidade de se posicionar e trazer suas próprias sensações, retorna à primeira pessoa do singular. Sujeito esse que se mescla nas pessoas do verbo propositalmente, que utiliza de mais personas e faz com que o leitor se perca em passado, presente, futuro e tantos nomes terminados em "el". Sujeito esse que se mistura e se encontra, mas não perde de forma alguma suas singularidades.

Desse modo, a pesquisa tem por objetivo investigar a autoficção e a bissexualidade e entender suas relações enquanto disparadores de criação em dança. Para tanto, busca-se 1) Discutir a respeito de corpo e bissexualidade a fim de propor processos de alteridade por meio da dança; 2) Investigar processos de criação em Dança por meio da autoficção como forma de criação dramática não

² Trecho original em língua inglesa: "(...) bisexual men and women do have in common that, for a long time, their sexuality received little or no attention in research on sexuality and sexual orientation. (...) It was only after bisexual men and women, first in the United States, and in recent years, in Germany, made the effort to organize themselves, and, above all, since the appearance of acquired immune disease syndrome (AIDS), which turned public and scientific attention towards bisexual men as a so-called risk group, that sexual researchers began to perceive and to study manifest bissexuality as an independent form of sexuality (...) Particularly for those bisexual men and women involved in gay or lesbian movements, (...) the need for such a self-construction is virtually mandatory because they cannot be visible experiencing themselves in a world only divided into homosexuality and heterosexuality"

centrada apenas em mim e 3) Compartilhar, neste memorial, um processo de criação em dança, na intenção de autoficcionalizar vivências, relações e problemáticas em torno do corpo e bissexualidade, mas também registrar, para os que virão depois de mim, como esta dança é criada e pensada.



Parte dois - Bissexualidade

Você conhece essa palavra?

bissexual

[sɛ̃cs]

(bis·se·xu·al)

adjetivo de dois gêneros

1. [Botânica] Diz-se da flor que reúne os dois sexos.

2. Hermafrodita.

3. Relativo à bissexualidade.

adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros

4. Que ou quem tem atração ou interesse sexual pelos dois sexos.

É engraçado que,

ao anexar estas definições,

tão pouco estou falando de algum destes

significados. Talvez, um outro entendimento

capaz de ampliar a minha ou a nossa compreensão.

Aqui, por exemplo, não falo de flora, falo de seres humanos que crescem e afloram.

Também não falo de sexo designado ao nascer. Ao menos, não neste momento.

Antes, me interesso para além daquilo que possa ser, neste instante,

unicamente biológico. Por um lado, a palavra se dirige ao fenômeno

vivido/experenciado/relacional. Por outro, essa

vivência/experiência/relação é aqui pensada

e trazida em sua forma múltipla de ser.

"(...) E a gente sempre tem que lembrar pros cara né? Não a trago de forma binária, mas

Que arte de bi também é arte, mano, é óbvio. nas variações entre estas

Que arte de trans também é arte, mano, é óbvio. polaridades. Penso que

Que ouço as lésbica e aplaudo os viado, mano, é óbvio. nunca será apenas

Que LGBT faz trem pesado, mano, é óbvio uma coisa ou

Que tá no padrão te põe na frente, mano, é óbvio outra.

Que o binarismo é conveniente, mano, é óbvio.

Que a gente é tirado de indecente, mano, é óbvio

Que LGBT ainda tem que provar que é gente, mano, é óbvio."

Nega Preto em "Bissexual", *slam* feito para o canal de YouTube Flup RJ.

Evoco a definição presente no Manifesto Bissexual, publicado pela revista <i>Anything That Moves</i> em 1990.	"Bissexualidade é um todo, identidade fluída."
Evoco a definição presente no Manifesto Bissexual Brasileiro, publicado pelo site da Frente Bissexual Brasileira em 2021.	"Bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva."

Dissertar sobre bissexualidade é espinhoso. Vivendo em um mundo binário, tudo o que se encontra para além dos polos opostos é turvo e, de certa forma, marginalizado. Afinal, se pensam que só existem dois gêneros, como poderia existir algo além das sexualidades que a eles se referem? O que seria esse espaço em que o binarismo se dilui e novas formas de existência se fazem presentes? É aqui que se encontra a bissexualidade e muitas outras formas de entender a atração humana.

Kael Ávila (2021) em "Os nossos significados de bissexualidade", diz que a bissexualidade é despreendida e fluída, contra qualquer e todo sistema binário, seja o de sexualidade, seja o de gênero. Portanto, não a veja de forma binária, pois nunca foi e nunca será, afinal, não existem apenas dois gêneros. Pelo contrário, são infinitas as formas de se entender e se posicionar enquanto sujeito em sociedade, sendo todas essas possibilidades abrangidas pela bissexualidade. Quando digo isso, não posso deixar de comentar a pansexualidade e como estão aliadas:

(...) a bissexualidade era um termo que abraçava todos que não eram nem homossexuais, nem heterossexuais.

Nos anos 90, entretanto, várias coisas aconteceram. É entendido que havia começado uma discussão sobre a posição da bissexualidade diante da transfobia dentro da própria comunidade LGBTI+. Foi nessa época que o movimento pansexual se popularizou, já tendo existido antes, em especial atrelado com o movimento hippie, mas agora ele se apresenta como uma nova identidade com novas políticas centradas principalmente na luta das pessoas trans não-binárias.

Foi diante das discussões sobre a transfobia dentro da comunidade que o movimento pan ganhou força e popularidade. Entretanto, parte do movimento bi achou que a luta do uso da palavra bissexual ainda não tinha acabado, bissexuais ainda eram lidos como loucos, pervertidos sexuais e doentes, logo o uso desse nome como político ainda seria relevante. E também houve aqueles que na época decidiram lutar dentro dos dois rótulos ao mesmo tempo, uma vez que a bissexualidade e a pansexualidade não se excluíam entre si.

Entretanto, seria essencial também se posicionar contra a transfobia na comunidade bissexual e contra o binarismo de gênero. Foi quando publicaram o Manifesto Bissexual na revista de e para bissexuais "Anything That Moves" (Ávila, 2021, n. p.).

Consequentemente, é comum que pessoas pouco informadas no assunto deduzam que pessoas bissexuais só se atraem exclusivamente por dois gêneros (convenientemente, pressupõe-se o masculino e feminino cisgênero) pela terminologia da palavra, ou melhor, o que ela parece ser. Julia Shaw vem para provar o contrário em seu livro "Invisibilidade: Cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade", resgatando que a palavra

"hétero" vem do grego heteros, que significa outro, enquanto homos significa mesmo, e ambos são fundidos com a palavra em latim *sexus*. Pouco depois disso, bi, ou dois,

começou a ser usado para se referir a pessoas que tinham desejos homossexuais e heterossexuais. Um modo pelo qual pesquisadores bissexuais costumam falar disso é que o bi em bissexual significa dois, mas o dois não é de homens e mulheres, e sim de mesmo e outro (2023, n. p.).

Como artista-pesquisador, sinto a necessidade de me posicionar. Apesar dos dois termos partirem da mesma luta e terem o mesmo significado, em meu exclusivo caso, opto por "bissexualidade" ao invés de "pansexualidade", como forma de manter viva toda a história e luta que inicia muito antes de mim, por muitas/es/os, para muitas/es/os.

Aqui, nestas páginas as quais você, leitor, acessa, disserto sobre bissexualidade e as diversas formas de monodissidência como estratégia de guerrilha contra a invisibilidade. Para tanto, reservo um espaço para explicar minhas escolhas quanto aos termos utilizados. Após muito pesquisar e refletir, decidi não utilizar outro a não ser "invisibilidade", para denominar o campo em que a bissexualidade é constantemente jogada. O apagamento desta sexualidade acontece toda vez que ela é tratada como uma fase de transição, como um fetiche ou como números de uma pesquisa. Em um mundo em que se torna necessário definir o dia 23 de setembro como Dia da Visibilidade Bissexual, não há como optar por outro termo se não "invisibilidade" e "apagamento".

No dia 23 de setembro de 1999, ativistas dos direitos bissexuais se reuniram nos Estados Unidos, dando origem ao Dia da Visibilidade Bissexual, que nasceu com o objetivo de dar visibilidade à comunidade bi e combater a bifobia, que é o preconceito e a discriminação de bissexuais devido a sua orientação sexual.

(...) Dar visibilidade à comunidade Bissexual e combater a bifobia se faz cada vez mais necessário para que se dissemine o conhecimento e a inclusão dessa orientação, ainda invisível para sociedade. Ser bissexual é sobre poder amar sem amarras e saber exatamente como se identifica e de quem se gosta; é sobre se autoconhecer; é sobre acordar todos os dias e saber exatamente quem eu sou! (Domborovski, 2020, n. p.).

Todas essas escritas acima estão presentes neste texto como forma de justificar e exemplificar os preconceitos que uma pessoa que se entende no espectro da bissexualidade encontra ao longo de seu caminho. É possível notar que os problemas vivenciados por pessoas bissexuais em 1990 (quando o Manifesto Bissexual é escrito, denunciando o apagamento, as invisibilidades e a falta de sensibilidade para com essas pessoas), em 1999 (quando o dia da visibilidade bissexual é criado como forma de jogar essa sexualidade à luz da sociedade) e em 2023 (quando esta escrita nasce, pelos objetivos já citados) continuam os mesmos. Em mais de 33 anos de luta, estes autores mostram que ainda estamos debatendo as mesmas pautas através de diversas estratégias.

Portanto, como disse anteriormente, dissertar sobre bissexualidade é algo espinhoso. Por ser múltipla e fluida, não poderia escrever apenas sobre a minha bissexualidade aliada às minhas experiências. Partindo do pressuposto que nenhuma experiência é individual, mas, somos vozes interligadas, foi a partir de relatos em forma de *podcasts* na plataforma de *streaming* de áudio *Spotify* que pude encontrar um lugar de alteridade e convergir algumas das minhas impressões pessoais acerca do tema junto de outros sujeitos. Para isso, pesquisei as palavras "bissexualidade" e "bissexual" na plataforma e selecionei diversos áudios, a primeiro momento, por título, com potencial de contribuir à pesquisa. Eram diversas vozes, numerosas experiências, muita alteridade...

Alteridade, muito mais que um conceito, é uma prática. Ela consiste, basicamente, em colocar-se no lugar do outro, entender as angústias do outro e tentar pensar no

sofrimento do outro. Alteridade também é reconhecer que existem culturas diferentes e que elas merecem respeito em sua integridade. (...) Em suma, podemos dizer que a alteridade é o ato de perceber a diferença e que o "eu" deve conviver com outros (Porfírio, s. d., n. p.).

Procurando, nessas vozes, pontos de encontro, selecionei dez áudios que mais me interessaram. Seja por causa da identificação, seja por outros motivos. Criei uma lista dos que, de alguma forma, se/me encontravam. De fato, nenhuma experiência é individual. É aqui que, somando todas essas vozes e misturando à minha, surge a autoficção como peça-chave no trabalho e disparador da criação artística.



Parte três - Autoficção

A presente seção nasce da necessidade de fazer uma dança para além das minhas questões autobiográficas. Isto é, ao longo do processo criativo do TCC, percebi que agregar as falas/vivências de outras pessoas jovens é apostar na potência da minha própria singularidade pelo e no diálogo com uma diversidade de questões que interessa ao coletivo de pessoas monodissidentes. Neste aspecto, me aproximei da noção de autoficção para ficcionalizar no palco minhas próprias vivências cotidianas, mas de um modo poético em dança.

Popularizado por Serge Doubrovsky na década de 1970, autoficção é um termo que surge na literatura para borrar as fronteiras entre realidade e ficção. Influenciado pelo modernismo, o termo designa textos nos quais o autor se inspira em suas próprias vivências para escrevê-lo, de forma com que sua escrita se transforme em uma biografia romantizada e recortada, escrita atravessada pelo acontecimento e pensamento. Philippe Gasparini em "Autoficção é o nome de quê?" disserta:

A palavra autoficção possibilitou nomear, e assim fazer surgir, um espaço genérico que não era conceitualizado enquanto tal. A maioria dos críticos admite agora que esse conceito pode ser operacional. Mas falta ainda entrar em entendimento sobre seu conteúdo e seus limites. Falta especialmente determinar se "autoficção" corresponde a uma categoria que já existia e só estava esperando ser identificada ou designa um meio de expressão totalmente novo, próprio da nossa época. Ou seja, se é o nome atual de um gênero ou o nome de um gênero atual (2014, p. 183 - 184).

Ao publicar "*Fils*" em 1977, sua principal obra neste âmbito, Doubrovsky introduziu o termo "autoficção" para descrever obras que misturavam elementos autobiográficos e ficcionais. Na página 10, o autor diz que

Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, no crepúsculo de suas vidas e num belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se preferirmos, autoficção, por ter-se confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem (...).

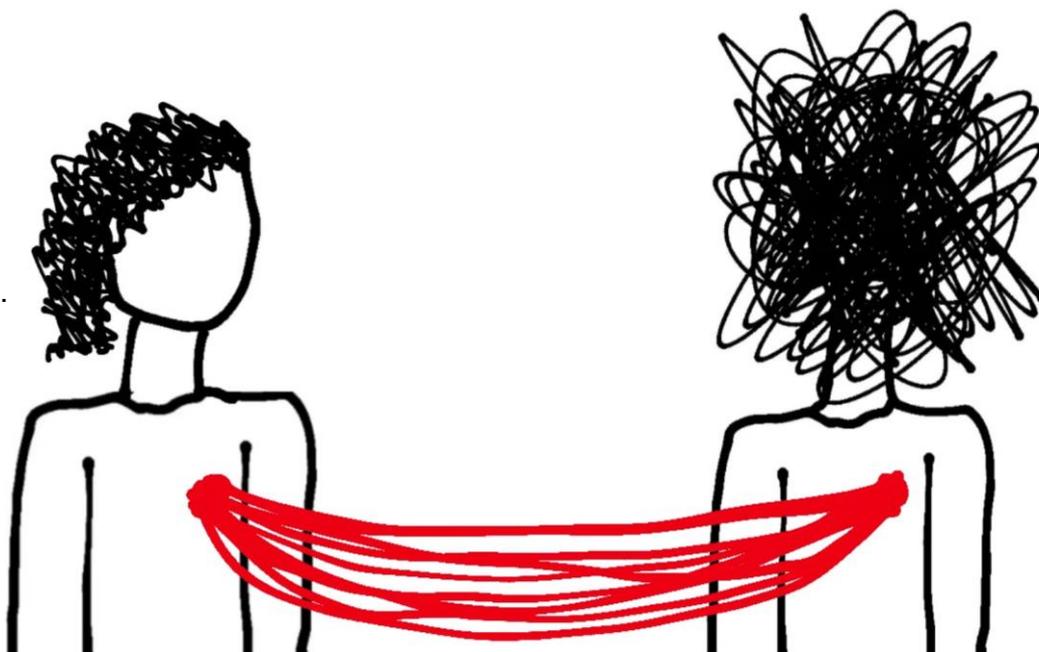
A autoficção então se diferenciaria da autobiografia não somente no conteúdo da escrita, mas também a quem ela se destina. Uma vez que não há quem se interesse nas populações menos favorecidas socialmente, cabe a nós, grupos minorizados, contar nossas próprias histórias. Daniel Viana diz que

Autoficção é (...) esse caminho diferente da autobiografia. A autoficção você pega referências da sua própria história e você coloca ela na terceira pessoa (...). Isso não quer dizer que a escrita é uma mentira, quer dizer que você pode escrever do jeito que a história mora em você e não só do jeito que os fatos podem comprovar. (...) A diferença da autoficção é que você se coloca num olhar de fora pra falar da própria história. (...) Muitas vezes, pra não falar de mim, ainda mais em relação às temáticas gays, eu sendo um gay na adolescência, (...) escrever na terceira pessoa me ajudava a confessar o que eu não gostaria de dizer com a minha própria boca (2019, min. 8:58 - 14:27).

É a partir desta fala que o trabalho de autoficcionar minha história inicia. Após pesquisar diversos *podcasts* que entrevistam pessoas bissexuais, selecionei aquelas vozes que contém discursos semelhantes ao meu e, de alguma forma, oralizavam o que eu também sentia. Notei, muitas vezes, os entrevistados dizendo que precisaram se impor através de um rótulo numa busca mínima

por respeito e afeto. Muitas vozes falando sobre o território minado das sexualidades desviantes da norma e como essa instabilidade aparecia no corpo através da ansiedade.

Escutando estas pessoas e trazendo estes entendimentos a partir da ótica de um pesquisador em dança em formação, comecei a associar a necessidade de imposição com o movimento das escápulas, que empurram o peito para frente e engrandecem o sujeito, mas também que acolhem as costas num abraço de coluna retraída. Toda essa instabilidade se materializa no tremor no chão que esta escrita tanto se refere, junto à prática que a cita e a vivência no corpo.



Atravessando tantas vivências e me conectando com mais pessoas bissexuais, comecei a encontrar pontos de convergência com minha própria história, surgindo assim o origami da sorte como metáfora à imprevisibilidade da sexualidade que será destinada àquele sujeito.

É preciso igualmente ponderar que, nesta altura do texto, você já deve ter percebido que utilizo a palavra "sexualidade" como termo guarda-chuva englobando "opção sexual" e "orientação sexual". Enquanto escritor, realizo esta escolha estética uma vez que não me identifico com os termos "opção" e "orientação". Nunca fiz uma escolha, nunca fui orientado. Me aproximo do termo "designado", deixando aqui uma frase do texto de Ulrich Gooß que me tocou quanto a isso: "Não é uma preferência, mas sim destino" (2008, p. 21, tradução nossa)³.

Sexualidade esta que é
sorteada em cena mas não
encontra os polos convencionais,
encontra algo que está ~~no meio~~ além,
que desafia as normas do próprio jogo.
E após sortear três vezes, tem-se certeza.

Certeza? Se há um ponto que não aparece em nenhuma dessas narrativas, é certeza. Pelo contrário, a incerteza de algo tão pouco representado em nossa cultura é a interseção destas vivências que transformam a pesquisa.

Encontro a necessidade de registrar que um único relato (o primeiro, entre os meses de outubro e novembro de 2022) que atravessa essa prática artística não é advindo de uma entrevista em forma de *podcast*, mas da voz pres(urg)encial de Gladistoni dos Santos, uma mãe, chamada para uma reunião escolar para que impedisse seu filho de pintar as unhas com a justificativa que os outros meninos da turma começaram a pedir para seus pais que também pintassem. Relato este que me tomou e tocou de forma diferente,

em sentimentos embaralhados, alteridades em ação. Foi a partir daí que comecei a pintar minhas unhas para o dia a dia, de forma colorida e despadronizada (assim como Gustavo, o menino anteriormente citado, costumava fazer), a busca d

Trecho original em língua inglesa: "It is not a preference, but rather fate".

Esta foi, ainda de forma experimental, a primeira ação realizada nesta pesquisa: ao mesmo tempo que autoficciona e encontra eu(s), materializa em/no corpo uma vivência que foge da heteronormatividade, isto é, “um padrão de sexualidade que regula o modo como a sociedade ocidental está organizada” (Petry; Meyer, 2011, p. 193).

Na concepção de Bakhtin (1997, 1998), por mais que as vozes sejam únicas, o eu somente é capaz de construir e reconhecer sua imagem por meio de um processo comunicativo e interacional com o outro (...). É, pois, na interação com outras vozes e consciências, que o eu se define e reflete sua individualidade, sua marca identitária (...). Bezerra (2005, p. 94) complementa dizendo que “eu me projeta no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que meu reflexo se projete nele e o dele em mim”. Isso implica que o eu se compreende quando olha para o outro e, por mais que existam diferenças entre ambos, o processo comunicativo somente se estabelece pela interação de suas vozes, de seus sentidos e, consequentemente, por sua relação dialógica. (...) Bakhtin (1997, 1998) ressalta que (...) os sujeitos e suas vozes se caracterizam, sobretudo, pela inconclusibilidade, pois o valor conferido à figura do outro, capaz de falar e responder por si mesmo, transforma a língua e sua realidade social em uma fonte inesgotável de interações e diálogos. Somente a voz que soa sem a presença interativa de outra voz, ou consciência, e que se mostra surda à voz do outro, às suas perspectivas e respostas, revela-se acabada em si mesma pelo seu autoritarismo. (Figueredo, 2012, p. 73 - 74).

Após estudos sobre iluminação com professores internos e externos à universidade, compreende-se que a luz contribui para a construção de uma dramaturgia dialógica com essas tantas vozes, servindo além de sua função básica (possibilitar que a cena seja vista). Nesta dança, focos são utilizados como forma de materializar os sujeitos que aqui aparecem, transformando presenças em fótons que iluminam os origamis e evidenciam a voz que se propaga através das caixas de som. Origamis que se espalham pelo chão mas se encontram numa organização determinada pelo limite da luz. Vozes que se misturam e complementam o discurso até que o artista em cena declare seu manifesto. Ar, que traz força para os ciclos respiratórios do pulmão, que inspira novidades e expira o que já se esgotou, que assopra no espaço como quem compartilha seu interior e estimula que aquele assunto encontre novos brônquios para o continuar. Dentre tantos, um, que assume a responsabilidade de falar sobre si à medida que fala com outros, outros estes que não são qualquer um, mas são Eu(s), que se projetam em mim na medida que me projeto sobre eles.

Parte quatro - Interseção

Como as experiências que partem da relação entre a bissexualidade e autoficção podem se tornar dispositivos para a criação em dança? Desta questão, tomo a intenção de performar um corpo com vivências bissexuais, que articula e dialoga com diversos relatos de pessoas que se encontram no mesmo termo.

Me interesso por essas questões uma vez que me percebo a partir da pluralidade bissexual e sei como é ser e estar invisível/invisibilizado. Em relação a este sentimento,

Junqueira (2009, p.30) afirma que nas escolas as temáticas relativas às homossexualidades, bissexualidades e transgeneridades ainda são "invisíveis no currículo, no livro didático e até mesmo nas discussões sobre direitos humanos". Apesar disso, as pesquisas LGBTQI+ têm aumentado no Brasil e no mundo, principalmente sobre a população lésbica, gay e transgênero. Ainda assim é perceptível que a população bissexual não costuma ser um foco dentro do tema (Longhitano; Bortolozzi, 2022, p. 2).

Noto a baixa visibilidade da bissexualidade, sobretudo nas experiências como sujeito bissexual que convive em sociedade, porém, em oposição, enquanto artista de espetáculos, o viver a cena me permite estar em cima de um palco, com refletores direcionados para mim que me fazem ocupar o ápice da atenção dos olhares.

Assim, justifico minhas primeiras intenções com esta pesquisa a partir de dois pontos: 1. Invisibilidade das questões bissexuais dentro das discussões sobre gênero e sexualidade; 2. Como minha formação/atuação artística tenciona, revela, permite trazer à luz (literal e figurada) um assunto marginalizado em questões LGBTQIA+ já bastante marginalizadas.

Pesquisando meios de criação de dramaturgia, utilizo o espaço cênico do Teatro Laboratório da FAP para tornar visível tudo o que é tentado apagar socialmente no campo da monodissidência. Este pensamento surge a partir da etimologia da palavra "teatro", originalmente "theatron" no grego antigo para significar "lugar de onde se vê". Se por um lado, alteridades me provocam para a interação com outros corpos/sujeitos, por outro, como trazê-los à cena, ou como convidá-los a existirem coletivamente neste trabalho? A autoficção tem sido, por ora, um lugar curioso para responder essas questões.

Insisto na relação entre bissexualidade e alteridade para a criação de maior bibliografia sensível sobre o tema, para que nossas pesquisas nos cite enquanto seres humanos presentes e potentes. É sobre jogar luz em cima de algo apagado socialmente. Em outras palavras, a visibilidade que desejo aqui tratar "vem de nós para nós mesmos enquanto comunidade que se firma coletivamente em prol de causas maiores, como as citadas e quantas mais surgirem ao longo de nosso caminho" (Fontes, 2020, n. p.).

Assim, utilizo de recortes dos *podcasts* selecionados como combustível para a criação em dança, às vivenciando através da memória de minhas próprias experiências. Devo ressaltar que todas essas vozes não estão aqui apenas como um ponto de partida, mas também como um diálogo entre o eu e os muitos Eu(s).

Mesmo que um determinado locutor esteja distante de seu interlocutor no tempo e no espaço, ou suponhamos que jamais tenha havido um encontro entre eles antes, é possível estabelecer uma relação dialógica entre ambos se tão-somente houver uma

confrontação ou convergência de sentidos entre os seus mais diversos pontos de vista e opiniões. O caráter dialógico da linguagem é, portanto, atemporal, pois não se limita ao aqui e agora, mas pode também advir de intersecções com o passado (diálogos retrospectivos) e, da mesma forma, se lançar no futuro por meio de diálogos prospectivos. Grosso modo, as relações dialógicas se estabelecem em uma oposição à composição monológica, pois o simples fato de o indivíduo pensar ou falar consigo mesmo já se revela uma relação dialógica (Clark e Holquist, 2004; Brait, 2005a; Sobral, 2005), além do que, para Bakhtin (1997, p.350), "a relação com o sentido é sempre dialógica. O ato de compreensão já é dialógico" (Figueredo, 2012, p. 70).

Somando a voz de Carla Janaína Figueredo, Mikhail Bakhtin e muitas outras que ela convoca em sua escrita, a alteridade se faz presente a partir dos diálogos atemporais entre a minha experiência e os relatos dos entrevistados em *podcasts*. Compreendo que o ato de ouvir, refletir e recortar são impulsos criadores para alcançar o objetivo de criar espaços dialógicos de alteridade. Tantas vezes relatando, de diversas maneiras, o medo nas cutículas ao sair da "zona de conforto" da heteronormatividade para adentrar ao invisível tremor no chão, para sacudir as normas sociais em nome da monodissidência. A escrita de Carla Figueredo surge neste trabalho como forma de não permitir que estas mais de vinte páginas, que você, leitor, acessa, sejam uma "composição monológica", mas um eterno diálogo entre o Eu, as/es/os que vieram antes de mim e as/es/os que virão depois.



Dessa forma, surge de maneira muito presente em minha prática artística o chacoalhar enquanto metáfora ao tremor no chão.

Chacoalhar enquanto tremor,
tremor enquanto medo,
medo enquanto insegurança,

Chacoalhar enquanto retirada,
retirada enquanto limpeza,
limpeza enquanto alívio,

muitos possíveis caminhos.

Chacoalhar se faz presente no trabalho como forma de vivenciar esse corpo em fase de autodescobrimento que se assusta e amedronta com o que encontra, mas também teme as possibilidades de aceitação ou recusa de seu círculo social. A chacoalhada em um corpo que se percebe como instável enquanto metáfora ao tremor no chão, mas também como forma de derrubar toda e qualquer imposição posta entre suas curvas. Chacoalhada que encontra maior vigor quando uma jaqueta transforma-se em uma metáfora para o controle dos corpos LGBTQIA+. Jaqueta que cobre e prende, gerando uma chacoalhada que instabiliza mas também que liberta o Eu.



Sob esse entendimento, desenvolve-se uma pesquisa em dança cuja dramaturgia transita entre invisibilidade e visibilidade poética do sujeito bissexual. Convocam-se discussões a respeito de corpo e bissexualidade, afinal, por nenhuma experiência ser individual, muitas/es/os.

Conforme a pesquisa se desenvolve dentro das orientações e da disciplina posterior de Pesquisa em Dança - TCC, noto que o que eu gostaria de falar não seria possível através da cidade e suas relações arquitetônicas, mas sim através da autoficção.

Ao autoficcionalizar minha história, proponho processos de alteridade por meio da dança para que a longa marcha contra a LGBTQIA+fobia continue, seja ocupando qual campo de estudo for necessário. Proponho também a escuta das outras vozes através de meu corpo, como forma de trazer uma população que não diz respeito só a mim, mas a muitas/es/os.

Assim, a autoficção atua como mecanismo de produção de alteridade e criação de dramaturgia de forma simultânea. Ao mesmo tempo que falo de mim e de Eu(s) num mesmo corpo, não as/es/os confundo, mas as/es/os somo. Compreendo que, na convergência entre todos esses pontos, foi criada a dramaturgia do presente trabalho e que convoca a comunidade da qual me conecto para não falar só. Antes, é pertinente enfatizar que, por dramaturgia, entendo pelas lentes de Rosa Hercoles, cujo pensamento elabora que o

[...] modo como o corpo que dança organiza seu fazer é de natureza coreográfica e o movimento sempre será metafórico na medida em que abre outras possibilidades de conceituação nos processos de comunicação que aciona. Quando o assunto é o corpo em movimento produzindo linguagem no ambiente dança, torna-se necessário pensarmos que coreografia e dramaturgia são ocorrências indissociáveis e concomitantes à ação de dançar. Sem o entendimento de alguma proposição coreográfica, não temos como reconhecer sua dramaturgia (2018, p.98).

Ao aproximar esses entendimentos sobre dramaturgia em dança, questões como a bissexualidade encontram na cena modos de atingir maior visibilidade, seja através do contraste entre o verde do figurino e o vermelho do origami, seja através do discurso ideológico. Após a Professora Doutora Elke Siedler assumir minha orientação, começamos a destrinchar a fundo esta dramaturgia, notando que minha prática artística não deveria estar na representação (como na apresentação que realizei na Mostra Quase Lá⁴), mas na sensação.

Sensação esta que constrói o medo nas cutículas através de um toque de dedos, a retirada da jaqueta através de um movimento de escápulas, a construção de uma possível visibilidade através da sensação de ser/estar invisibilizado. Em seu artigo, Elizabeth Sara Lewis disserta sobre a bissexualidade e a invisibilização, criando coro para a motivação desta pesquisa:

As pessoas que fazem performances identitárias bissexuais são invisibilizadas porque são vistas como homossexuais quando em uma relação com um/a parceiro/a do “mesmo” sexo/gênero e como heterossexuais quando em uma relação com um/a parceiro/a do sexo/gênero “oposto”, parecendo bascular entre os dois eixos sem ocupar um espaço entre ou além deles. Desta maneira, opera um processo de adequação invisibilizador. As semelhanças entre as pessoas que se identificam como bissexuais e as que se identificam como heterossexuais ou homossexuais são acrescentadas, dependendo do sexo/gênero do/a parceiro/a da pessoa que se

⁴ Mostra Quase Lá é um evento público ligado à disciplina de Pesquisa em Dança - TCC do curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da UNESPAR, destinado a apresentar à comunidade científica e externa, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas dentro da universidade pública.

identifica como bissexual, e as diferenças são ignoradas, causando a invisibilização e o apagamento da bissexualidade (2012, p. 11 - 12).

Buscou-se até aqui apresentar a temática sobre bissexualidade, criação em dança e autoficção. Isto é, o corpo em cena como estratégia de trazer visibilidade aos discursos aqui colados, de forma com que a mistura de vozes e histórias criem espaços de alteridade entre um corpo e outros. Corpo este que se dobra e chacoalha, que discursa e comunica, que sensibiliza e toca, mas acima de tudo, que se envolve em diversos sujeitos como forma de não falar sozinho.

Fala, citada acima, que não se encerra aqui. Estas escritas ainda ganharão mais espaços, mais formas, mais vozes. Elas não terminam em mim, seguem para outros sujeitos, estes que seguem para outros passados, presentes e futuros. Assim como esta dança não é apenas sobre mim, ela também não se encerra em mim. Segue viva nos corpos de todas/es/os que se atentarem a ler, assistir, sentir e refletir tudo o que aqui se tem a dizer.

Até logo. Samuel

Tchau. Raquel

Atenciosamente, Daniel

De seu novo amigo, Miguel

Grato. Emanuel

De Ariel

Adeus. Rafael

Beijos. Isabel

Com amor, Gabriel

Cordialmente, Manuel

Até breve. Mabel

Por Ismael



Fim? - Eu(s)

ANDRADE, Lê. **#5 - Bissexualidade**. Resenhas Não-Mono. 2020. Podcast. Spotify. Acesso em 02 set. 2023.

ANYTHING THAT MOVES. **Bisexual Manifesto**. 1990. Disponível em: [Bialogue: Bisexual + Queer Politics — We are tired of being analyzed, defined and...](#). Acesso em: 7 set. 2023.

ÁVILA, Kael. **Os nossos significados de bissexualidade**. [S. l.]: Bi-Sides. 2021. Disponível em: [Os nossos significados de bissexualidade](#). Acesso em 02 set. 2023.

DOMBOROVSKI, Ariane. **23 de Setembro - Dia da (in)Visibilidade Bissexual**. [S. l.]: SIPAD UFPR. 2020. Disponível em: [23 de setembro – Dia da \(in\)Visibilidade Bissexual](#). Acesso em 02 set. 2023.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: [s. n.], 1977.

FIGUEREDO, Carla Janaína. A alteridade constitutiva em aulas de inglês como língua-cultura estrangeira: a perspectiva do princípio dialógico bakhtiniano. **Rev. Estud. Discurso**, v. 7, n. 1, jun. 2012. Disponível em: [SciELO](#). Acesso em: 03 set. 2023.

FONTES, Kaique. **Repensando a visibilidade bissexual**. [S. l.]: Bi-Sides, 11 set. 2020. Disponível em: [Repensando a visibilidade bissexual](#). Acesso em: 5 nov. 2022.

FRENTE BISSEXUAL BRASILEIRA. **MANIFESTO BISSEXUAL BRASILEIRO**. 25 set. 2021. Disponível em: [Bem vindo! - Manifesto Bissexual Brasileiro](#). Acesso em: 7 set. 2023.

GASPARINI, Philippe. Autoficção é o nome de quê?. *In*: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 181-222. ISBN 9788542300604.

GOOß, Ulrich. Concepts of Bisexuality. **Journal of Bisexuality**, 2008, DOI: 10.1080/15299710802142127. Disponível em: [Concepts of Bisexuality](#). Acesso em: 30 ago. 2023.

HERCOLES, Rosa. As Dramaturgias do Movimento. **Dramaturgias**, [S. l.], n. 8, p. 88–99, 2018. DOI: 10.26512/dramaturgias.v0i8.14969. Disponível em: [As Dramaturgias do Movimento](#). Acesso em: 11 set. 2022.

JAEGER, Melissa et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 1–16, 2019.

LEWIS, E. S. “Eu quero meu direito como bissexual”: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação. *In*: **III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade**, 2012, Campinas, SP. Anais Eletrônicos: III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade: Dilemas e desafios na contemporaneidade, 2012. Disponível em: [UNICAMP](#). Acesso em: 14 nov. 2022.

LINIKER. **PsIU**. Indigo Borboleta Anil. São Paulo: Brocal e Navegantes, 2021. Disponível em: [Liniker - PsIU \(Visualizer\)](#). Acesso em 02 set. 2023.

LONGHITANO, Bianca; BORTOLOZZI, Ana Claudia. Bissexualidade na pesquisa: estudo de revisão sistemática da literatura. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e49131, 2022. Disponível em: [Revistas UECE](#). Acesso em: 3 set. 2023.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), [S. l.], v. 10, n. 1, p. 193–198, 2011. Disponível em: [PUC-RS](#). Acesso em: 25 nov. 2023.

PORFÍRIO, Francisco. Alteridade: o que é, exemplos, na filosofia. **Mundo Educação**, s. d. Disponível em: [Alteridade: o que é, exemplos, na filosofia - Mundo Educação](#). Acesso em 02 set. 2023.

PRETO, Nega. **Bissexual**. Slam Cúir. Rio de Janeiro: [s. n.], 2021. Disponível em: [YouTube](#). Acesso em 02 set. 2023.

QUEBRADA, Linn da. **Oração**. 2019. Disponível em: [Linn da Quebrada - Oração \(Clipe Oficial\)](#). Acesso em 02 set. 2023.

QUEER, Quebrada. **QUEM?**. SER: Sobre Existir e Resistir. Apuke. 2018. Disponível em: [Quebrada Queer - QUEM? \(Prod.Apuke\) \(Visualizer\)](#). Acesso em 02 set. 2023.

SHAW, Julia. **Invisibilidade**: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade. tradução Vic Vieira Ramires. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

VIANA, Daniel et al. **Micronarrativas e Autoficção**. Rabiscos - Podcast Literário. 2019. Disponível em: [Spotify](#). Acesso em: 02 set. 2023.